Circunstâncias que ampliam ou restringem universo de vida pessoal como instrumentos para a construção de aspiração educacional dos jovens da região metropolitana de São Paulo

Circumstances that broaden or narrow the scope of personal life as factors shaping the educational aspirations of young people in the São Paulo metropolitan area

Verônica Maria Teresi[1]
Doutora, Universidade Católica de Santos, Brasil

Fernanda de Magalhães Dias Frinhani[2]
Doutora, ESAMC Santos, Brasil

Ana Claudia Polato e Fava[3]
Doutora, Universidade Federal do ABC, Brasil

Resumo: As aspirações educacionais dos jovens são construídas a partir de condições sociais, econômicas, institucionais e subjetivas que moldam seus projetos de vida e suas possibilidades futuras. Embora a educação seja reconhecida no Brasil como um direito social fundamental, sua efetividade como instrumento de mobilidade social é profundamente desigual. **Problemática:** Nesse contexto, este artigo busca responder à seguinte pergunta de pesquisa: quais circunstâncias ampliam ou restringem o universo de vida pessoal dos jovens e influenciam a construção de suas aspirações educacionais na região metropolitana de São Paulo? **Objetivo:** Identificar quais circunstâncias são apontadas pelos sujeitos como fatores que ampliam ou restringem seus universos de vida pessoal e influenciam em suas aspirações educacionais. **Referencial Teórico:** O estudo dialoga com o referencial teórico das aspirações, especialmente a partir das contribuições de Appadurai, Ray e La Ferrara. As aspirações educacionais são entendidas como trajetos vinculados a projetos profissionais e de vida, e não como fins em si mesmas, sendo diretamente influenciadas pelos repertórios sociais, pelas experiências vividas e pelas oportunidades percebidas como possíveis e alcançáveis**. Metodologia:** Trata-se de uma pesquisa qualitativa, baseada em dados do projeto "Aspirações e Escolhas dos Jovens Brasileiros", desenvolvido pela PUC-RS, UFABC e UFPA, com financiamento da

[1] Professora e Pesquisadora. Desenvolve pesquisa Pós-Doutoral pela Universidade Federal do ABC, vinculada ao Centro de Engenharia, Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas (CECS), com o tema "Aspirações e escolhas dos jovens brasileiros sobre família, trabalho e relação com suas origens e contexto socioeconômico". É Doutora em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal do ABC. Mestre em Direito Internacional pela Universidade Católica de Santos (2007) é Graduada em Direito pela Universidade Católica de Santos (2000). É consultora da Artival Research Evaluation (Espanha) desde julho/2021 e professora universitária da ESAMC/Santos, desde agosto 2010, da UniSantos, 2023 e da Universidad Internacional de la Rioja (UNIR), 2024. Email: veronicateresi@gmail.com

[2]. Professora e Pesquisadora há mais de 20 anos, atualmente vinculada a ESAMC Santos/SP e UNIBR São Vicente/SP. Estágio pós doutoral pela Universidade Federal do ABC, vinculada ao Centro de Engenharia, Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas (CECS), com o tema "Aspirações e escolhas dos jovens brasileiros sobre família, trabalho e relação com suas origens e contexto socioeconômico" (2025). Doutora pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, com ênfase em Direitos Humanos (2014). Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (2004). Graduada em Direito pela Universidade Federal de Viçosa (2000). Especialista em Direito Internacional (2018) e com MBA em Gestão de Projetos (2021). Email: fernandafrinhani@gmail.com

[3] Professora e pesquisadora da Universidade Federal do ABC na área de Economia, atuando principalmente nos seguintes temas: gênero, bens duráveis, bem-estar, barganha e alocação intra-familiar, economia da educação e economia feminista. Tem PhD pela Universidade de Illinois em Urbana-Champaign, mestrado e graduação pela Universidade de São Paulo. Foi visiting scholar em 2019-2020 da Universidade de Illinois em Urbana-Champaign. É membro do corpo editorial da Revista de Empreendedorismo, Negócios e Inovação (RENI) da UFBAC e do Journal Studies in Risk and Sustainable Development da Universidade de Economia em Katowice na Polônia. Foi primeira coordenadora do Programa de Pós-graduação em Economia da UFABC e fez parte do corpo editorial da Editora da UFABC. Email: ana.fava@ufabc.edu.br

CAPES. O recorte empírico analisado contempla nove jovens entre 15 e 29 anos residentes na região metropolitana de São Paulo. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas. A análise dos dados foi feita por meio da análise de conteúdo (Bardin). **Resultados:** Os principais achados indicam que a construção das aspirações educacionais é fortemente influenciada por fatores como o papel de professores, o apoio familiar, as redes de amizade, a participação em coletivos, a maternidade, a presença de deficiências ou neurodivergências, o racismo estrutural, o envolvimento com atos infracionais e o acesso à universidade pública. **Conclusão:** Conclui-se que o direito à educação, para além do acesso, exige condições institucionais, pedagógicas e sociais que ampliem os universos de vida dos jovens, fortalecendo suas aspirações educacionais como instrumentos efetivos de ação, permanência e transformação social.

Palavras-chave: Aspirações educacionais; Juventudes; Direito à educação; Circunstâncias; São Paulo.

Abstract: *Young people's educational aspirations are built upon social, economic, institutional, and subjective conditions that shape their life plans and future possibilities. Although education is recognized in Brazil as a fundamental social right, its effectiveness as an instrument of social mobility is profoundly unequal.* ***Problem:*** *In this context, this article seeks to answer the following research question: what circumstances broaden or restrict the universe of young people's personal lives and influence the construction of their educational aspirations in the metropolitan region of São Paulo?* ***Objective:*** *To identify which circumstances are pointed out by the subjects as factors that broaden or restrict their universes of personal lives and influence their educational aspirations.* ***Theoretical Framework:*** *This study engages with the theoretical framework of aspirations, especially based on the contributions of Appadurai, Ray, and La Ferrara. Educational aspirations are understood as paths linked to professional and life projects, and not as ends in themselves, being directly influenced by social repertoires, lived experiences, and opportunities perceived as possible and attainable.* ***Methodology:*** *This is a qualitative research study, based on data from the project "Aspirations and Choices of Young Brazilians," developed by PUC-RS, UFABC, and UFPA, with funding from CAPES. The empirical sample analyzed includes nine young people between 15 and 29 years old residing in the metropolitan region of São Paulo. Data were collected through semi-structured interviews. Data analysis was performed using content analysis (Bardin).* ***Results:*** *The main findings indicate that the construction of educational aspirations is strongly influenced by factors such as the role of teachers, family support, friendship networks, participation in collectives, motherhood, the presence of disabilities or neurodivergences, structural racism, involvement with criminal acts, and access to public universities.* ***Conclusion:*** *It is concluded that the right to education, beyond access, requires institutional, pedagogical, and social conditions that broaden the life horizons of young people, strengthening their educational aspirations as effective instruments for action, retention, and social transformation.*

Keywords: *Educational aspirations; Youth; Right to education; Circumstances; São Paulo*

Introdução

As aspirações educacionais de jovens são construídas a partir de diversas camadas. Ao tentar responder à corrente pergunta “o que vai ser quando crescer?”, o jovem na verdade vai dando significação a seus espaços de existência, suas experiências de vida, influências de pais, familiares, amigos, professores, suas leituras, relações, desejos.

Nem sempre construída a partir de uma análise racional, as aspirações educacionais dos jovens começam permeadas pela obrigação de estudar, uma vez que a educação no Brasil é um direito público subjetivo, uma política pública universal, previsto no artigo 6º da Constituição Federal e especificada em seu Título VIII, Capítulo III, Seção I.

> Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Sendo um dever do estado e da família, por ser uma obrigação parental o envio das crianças para a escola, a educação se insere na vida das crianças como um espaço de existência que se confunde com o próprio desenvolvimento humano. Com o propósito de preparar para a cidadania e o trabalho. Mas, para os estudantes, as reflexões sobre a escola e a educação formal vão surgindo mais adiante, quando os alunos começam a entender que a educação pode de fato ser um fator de mobilidade social e forma de galgar espaços sociais diferentes.

Mas esta construção, em que a educação se liga às possibilidades de projetos futuros, não se mostra de maneira uniforme em toda a sociedade. Para alguns jovens, a educação se apresenta desde sempre como um espaço de crescimento, de desenvolvimento de habilidades, como uma possibilidade de conhecer o mundo por meio da leitura, como forma de crescer na vida por meio do trabalho. Seus espaços de existências são permeados por pessoas que cresceram na vida graças aos estudos, e essas referências são um estímulo para a construção de aspirações.

Por outro lado, para outros jovens, a vida escolar se apresenta como um entrave: existindo em espaços sociais em que a educação formal não é a regra, muitas crianças frequentam as escolas sem que haja um suporte familiar para estimular e ajudar nas dificuldades encontradas no processo ensino-aprendizagem. Ainda, um filho na escola pode significar mãos a menos para buscar o sustento da família. Muitas escolas não conseguem se adequar às dificuldades que a vida real impõe aos seus alunos e muitas vezes se tornam algozes dos sonhos que se sequer chegaram a ser construídos.

A escola pode ser um espaço de construção de projetos futuros, mas também pode ser um espaço sem sentido, que só aponta o fracasso, não encanta, não transforma. Alguns princípios que norteiam a educação segundo o artigo 206 da Constituição Federal, merecem menção quando pensamos nesta distorção. O Inciso “I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”; o inciso “VII - garantia de padrão de qualidade”.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB – Lei 9394/96), em seu Título III – “Do Direito à Educação e do Dever de Educar”, determina no inciso IX do artigo 4º (Brasil, 1996).:

> Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:
>
> IX – padrões mínimos de qualidade do ensino, definidos como a variedade e a quantidade mínimas, por aluno, de insumos indispensáveis ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem adequados à idade e às necessidades específicas de cada estudante, inclusive mediante a provisão de mobiliário, equipa mentos e materiais pedagógicos apropriados. (Redação dada pela Lei nº 14.333, de 2022).

Os dois princípios constitucionais e o artigo 4º da LDB, que nos alertam sobre a padrão de qualidade e igualdade de condições, se mostram utopia quando consideramos que as dificuldades de acesso à educação de qualidade são barreiras sobretudo impostas às crianças de classes menos favorecidas socioeconomicamente. Para essas, as aspirações podem se restringir a existir.

A análise das aspirações educacionais nos permite refletir sobre a influência que a educação formal tem sobre os projetos futuros dos estudantes, dependendo da forma como estes são acolhidos ou não no processo ensino aprendizagem. Definir a educação como um direito social, protegido constitucionalmente e infra constitucionalmente, em

respeito a diretrizes internacionais de proteção aos direitos humanos não é o suficiente para que a educação seja fator que garanta o preparo da pessoa "para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho" (art. 205, *in fine).*

Este artigo se propõe a analisar circunstâncias que influenciam na construção de aspirações de jovens, com enfoque nas aspirações educacionais. Os dados que compõem essa análise fazem parte da pesquisa "Aspirações e Escolhas dos Jovens Brasileiros", desenvolvida pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Universidade Federal do ABC (UFABC) e Universidade Federal do Pará (UFPA), com financiamento da CAPES[4]. Os dados aqui analisados se restringem a amostra coletada no Estado de São Paulo, na região metropolita da capital. A pesquisa desenvolvida foi de natureza qualitativa, os dados coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, sendo utilizado o método de análise de conteúdo (Bardin, 2011) para a análise dos dados.

O artigo se propõe a um recorte que permita considerar o direito a educação de qualidade como um elemento de destaque para a construção das aspirações educacionais e profissionais dos jovens. A estrutura do artigo se constrói da seguinte forma: I – Aspirações como referencial teórico; II – Metodologia de coleta e análise de dados; III – Circunstâncias que ampliam ou restringem as aspirações.

Aspirações como referencial teórico

A construção de aspirações educacionais dos jovens é permeada por circunstâncias que ora ampliam as possibilidades de concretização de planos futuros, ora por circunstâncias que restringem de maneira definitiva os planos futuros dos jovens.

As "aspirações" como conceito, envolvem uma análise interdisciplinar, em que dialogam Ciências como a Economia, Educação, Psicologia e Sociologia (Rinaldo; Bagolin 2025). As aspirações são esperanças, ambições ou desejos em alcançar propósitos, que nem sempre são viáveis por não estarem ao alcance de quem as constrói (La Ferrara, 2019). A partir da definição de La Ferrara (2019), podem ser observados dois pontos: (i) fatores internos e externos ao indivíduo contribuem na construção das aspirações (Rinaldo; Bagolin 2025); e (ii) um indivíduo pode ter aspirações que não estão ao alcance dos resultados possíveis, considerando a circunstância de existência do sujeito (La Ferrara 2019). Para este artigo, as aspirações são entendidas em seu sentido amplo, conforme definem Rinaldi; Bagolin (2025), situação em que as aspirações estão relacionadas com desejos, metas, expectativas e escolhas.

Appadurai (2004) e Ray (2006) introduzem as pesquisas referentes ao conceito de aspirações, considerando a abordagem do desenvolvimento socioeconômico. Neste primeiro momento, a pesquisa é marcada por considerar o papel das aspirações como um elemento que favorece a perpetuação do ciclo vicioso da pobreza. Neste viés, as aspirações aparecem como uma circunstância que limita o indivíduo, uma vez que induzem os jovens em situação de vulnerabilidade socioeconômica a fazerem escolhas que os mantêm em condição de perpetuação deste estado de vulnerabilidade. É o que pode ser observado no que se refere à possibilidade do jovem que conclui o ensino médio,

[4] A pesquisa resultou também no Artigo "Políticas educacionais como importantes instrumentos para construção de aspiração educacional dos jovens da Região Metropolitana de São Paulo", das mesmas autoras, publicado na UNISANTA Law and Social Science, Vol. 14, N. 2(2025) –ISSN 2317-1308, p. 111-131.

ingressar no ensino superior. Apesar das políticas de permanência e inserção no ensino superior, apenas 21,6% dos jovens em idade de ingressar no ensino superior, estavam matriculados no Brasil em 2023 (INEP 2024).

A capacidade de construir aspirações, é uma possibilidade de construir vetores para a vida futura, como um mapa de navegação, que orienta as escolhas dos jovens para a vida adulta, a partir de estradas possíveis. Nesta lógica, as estradas possíveis para os jovens em condição socioeconômica vulnerabilizada, os mapas apontam para estradas mais restritas, simples e incompletas (Appadurai 2004). Já para os jovens em condições socioeconômicas mais favorecidas, os mapas são mais amplos, com mais possibilidades, o que permite uma capacidade de aspiração mais desenvolvida (Appadurai 2004).

Sendo socialmente determinadas, as aspirações serão definidas pelas condições de existência que surgem da vida dos indivíduos, suas limitações e suas ampliações, fazendo com que desejos e padrões sejam condizentes com o estar no mundo de cada um. Deste modo, as aspirações vão sendo construídas a partir de repertórios possíveis, alcançados a partir das relações e interações sociais, derivadas de experiências e observações dos demais sujeitos sociais. Para que sejam exemplos e estímulos às aspirações, o outro social deve ser visível, possível, identificável, e, seus padrões, desejáveis para o jovem chamado a formar suas aspirações (Ray 2006).

Esse universo possível, focado nas questões que envolvem classe social, é o que Ray (2006) chama de "janela de aspirações", que é o conjunto de experiências, lugares e pessoas que inspiram comparações e ajudam o jovem a entender o que ele pode aspirar para o seu futuro (Ray 2006). As janelas de aspirações são o ponto empírico, em que os indivíduos formam suas aspirações a partir da experiência de vida, ou a partir das possibilidades que enxerga no seu espectro de existência (Ray 2006). A construção das aspirações, segundo Ray, estará restrita econômico, social e geograficamente, uma vez que serão construídas dentro de um universo possível e mensurável, protegendo-se, o jovem, de possíveis frustrações e fracassos (Ray 2006).

Para cada jovem, a janela de aspirações se abre a partir da experiência das pessoas próximas, com as quais ele se identifica, pessoas vistas como semelhantes e que apareçam no campo de visão e de existência do jovem. Para Ray (2006), essa proximidade é determinada pelo contexto social. E determinarão as aspirações e possibilidade de ação, que por sua vez determinam as possibilidades futuras das condições de existência socioeconômica dos jovens (Rinaldi; Bangolin 2025)

É necessário que a educação apareça nas janelas de aspirações dos jovens como uma possibilidade para ampliar as oportunidades. Para isso ela precisa ser viável, exequível, ponderável. Importa considerar que as aspirações educacionais não são um fim, mas um trajeto. A educação aparece como requisito para que se alcance projetos futuros. A educação é um caminho, não um destino. E nisso ela se apresenta muitas vezes como um obstáculo, e não como uma mola propulsora. A educação é uma possibilidade para melhoria de padrões de vida, mas que depende da construção de outras aspirações, profissionais, por exemplo, que são em regra, a aspiração fim.

A melhoria nos padrões de vida alcançáveis pela educação de fato se verifica na concretização de aspirações profissionais. E para que de fato sirvam como elemento a promover mudança, as janelas de aspirações devem ser amplas o suficiente para que haja essa possibilidade de mudança, mas não tão aberta a ponto de produzir frustrações (La Ferrara 2019). Analisar as aspirações educacionais em consonância com o direito social

à educação, previsto na Constituição Federal de 1988 pode ser uma forma de compreender potências e fraquezas da política pública que podem influenciar na janela de aspirações viabilizadas aos jovens. Construir uma Educação Pública de qualidade passa necessariamente por um olhar da educação como um instrumento que proporciona aspirações que levem a ações para mudanças sociais.

2 Metodologia de coleta e análise de dados

Como dito, os dados aqui apresentados fazem parte de um projeto de pesquisa maior, do qual as autoras participaram. O instrumento de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada (Triviños 1987), permitindo maiores trocas entre entrevistados e entrevistadores, abordando temas referentes à família, história de vida, trabalho e educação. A entrevista semiestruturada garante maior liberdade na gestão do tempo e ordem das perguntas, adequando a entrevista às prioridades apresentadas pelos entrevistados, como apontam Lüdke e André (1986). Esta forma de coletar os dados permite uma maior valorização das percepções que os sujeitos fazem da sua vivência como explicação para o comportamento (Becker 1997).

A vida cotidiana tem sido amplamente considerada pelas ciências sociais. A valorização do sujeito como ator social, tem, segundo Menandro (1998), implicações metodológicas: i) o sujeito é chamado a falar e a explicar, priorizando suas percepções sobre os fatos da vida; ii) valorização de todas as informações extraídas da fala e ações dos sujeitos.

Os sujeitos entrevistados foram 45 jovens entre 15 e 29 anos, de diferentes estratos sociais, que foram alcançados por meio do sistema bola de neve entre grupos de diferentes estratos de renda e situação ocupacional - jovens que só estudam, jovens que estudam e trabalham, jovens que só trabalham e por fim, jovens que nem estudam e nem trabalham. Os dados analisados neste artigo se restringem aos entrevistados da região metropolitana de São Paulo.

As entrevistas foram realizadas de forma presencial ou remota, dependendo da disponibilidade dos entrevistados e entrevistadoras, que foram convidados a preencherem um questionário socioeconômico padrão, por meio do *google form.*

A análise dos dados foi de natureza qualitativa, visando a privilegiar as individualidades, as perspectivas dos sujeitos, suas percepções e o que conseguem dizer acerca de suas aspirações profissionais, educacionais e familiares (Minayo 1999, 10).

O referencial de análise utilizado foi a análise temática, proposta por Bardin (1979), que comporta as seguintes etapas: pré-análise, em que os dados são organização a partir de um eixo condutor; exploração do material, momento em que os dados brutos vão sendo destrinchados; tratamento dos resultados obtidos e interpretação, em que se busca os significados dos discursos e sua importância para a análise do tema proposto.

Inicialmente as entrevistas foram transcritas por meio do programa *FireFlies*. À transcrição seguiu-se a leitura exaustiva das entrevistas, com vistas à maior aproximação com o conteúdo. Desta leitura emergiram categorias que que se referiam às Aspirações Educacionais, priorizando os temas que se repetiam nas entrevistas, ou que se apresentavam como divergentes.

Na análise preliminar utilizado o programa *Atlas TI*, que permitiu agrupamentos e classificações a partir das escolhas feitas quando da leitura atenta das entrevistas. Importante destacar que apesar do uso da tecnologia, a análise é humana. O programa auxilia na sistematização das seleções feitas pelas pesquisadoras.

Identificadas as categorias, foi sendo construído um texto para cada uma, em que foram trazidos "os aspectos das falas dos participantes que consideramos importantes para o nosso objetivo" (Trindade 1991, 36). Essas unidades de significado surgiram tanto da congruência quanto da divergência das falas dos entrevistados, por entendermos como pontos em comum não só os aspectos que afirmam determinada situação, mas também os aspectos que a negam.

Do universo de 45 entrevistas foram escolhidas nove, para ilustrarem o recorte escolhido para este artigo. Foram escolhidas as entrevistas que melhor contemplaram o tópico "Circunstâncias que ampliam ou restringem as aspirações", tentando contemplar todos os grupos de jovens de ambos os gêneros. Na construção do texto, falas relevantes foram transcritas. Os sujeitos não foram aqui apresentados para que não ficassem redundantes com a apresentação feita em artigo anterior que traz outra dimensão do estudo guarda-chuva realizado[5].

3 Circunstâncias que ampliam ou restringem universo de vida pessoal

Nesta categoria nos pautamos nas falas dos entrevistados que trazem, de alguma maneira, circunstâncias – situações vividas, relações, peculiaridades de suas vidas que de alguma forma influenciam a formação das aspirações educacionais.

As circunstâncias podem ser positivas ou negativas em termos de expectativa, compreendendo o momento e o fato de fazerem parte da construção da subjetividade dos jovens. Deste modo, considera-se aqui qualquer situação que, pela fala dos entrevistados, teve alguma influência sobre suas aspirações, seja ampliando ou restringindo suas perspectivas e seu universo de vida pessoal.

Tratando de aspirações educacionais, é interessante começarmos falando da influência de professores, durante toda vida educacional, na construção de aspirações e projetos de vida.

Ivan Caetano – SP fala da importância dos professores na sua vida

> Pô, eu tive professores excelentes, assim, pessoas que viam a minha dificuldade e querendo ou não me acolhiam ali. Ao mesmo tempo que tinha pessoas que não estavam nem aí, estavam ali só pra dar aula, mas isso é normal, né? E eu tinha uma relação muito boa com os meus professores no ensino fundamental.

Os professores desempenham um papel essencial na construção das aspirações dos estudantes, pois influenciam diretamente suas percepções sobre o futuro e suas possibilidades de realização pessoal e profissional. A mentalidade de crescimento pode ser desenvolvida nos estudantes quando os professores incentivam o esforço, a

[5] Detalhes acerca da metodologia e dos sujeitos da pesquisa foram apresentados no Artigo "Políticas educacionais como importantes instrumentos para construção de aspiração educacional dos jovens da Região Metropolitana de São Paulo", das mesmas autoras, publicado na UNISANTA Law and Social Science, Vol. 14, N. 2(2025) –ISSN 2317-1308, p. 111-131.

persistência e a crença na sua própria capacidade. Dessa forma, um ambiente educacional que valoriza o desenvolvimento contínuo e o aprendizado ativo pode inspirar os estudantes a estabelecerem objetivos ambiciosos e a se dedicarem para alcançá-los (Dweck, 2006).

Além do conteúdo acadêmico, os professores também influenciam valores e atitudes, ajudando os estudantes a construírem confiança e determinação para superar desafios. A teoria da aprendizagem social sugere que os indivíduos aprendem por meio da observação e da modelagem de comportamentos (Bandura, 1986). Professores que demonstram entusiasmo pelo conhecimento e encorajam seus estudantes a explorarem novas oportunidades ampliam suas perspectivas e os motivam a traçar caminhos inovadores para o futuro.

> Olha, eu acho que assim, especialmente do oitavo ano até o último ano da escola, foram momentos muito especiais. Porque, primeiro, eu consegui manter na mesma escola por mais do que dois anos, e porque os professores eram muito atenciosos. Eu lembro que eu gostava muito de uma autora na época, Marcia Tiburi. Ela é ótima. Ela é muito boa. (...) E aí, eu conversando com o professor no intervalo, eu falei, nossa, eu adoro essa mulher, é muito inteligente. Aí eu lembro que ele falou assim: Mônica, se você tiver muita atenção e você quiser, você pode se tornar alguém tão grande quanto. Então, ó, ele só falava, estuda, faz sua parte. E aí, é o professor Jorge. Jorge, incrível, de literatura. E aí, ele foi muito especial na minha jornada, assim, de crescimento. Para além dos amigos, acho que a escola foi bom por isso, por ter essas figuras que me incentivavam muito. Muito. (...) no ano que meu avô faleceu. (...) Foi baque, assim, muito ruim, né? (...) foi muito difícil. E aí esse professor também, ele me chamou pra conversar (...)
> E aí ele falou, se for por nota, eu te passo, mas você tá aprendendo direito, você tá bem. Além da escola, ele se preocupou e eu achei isso muito bonito. Eu lembro também que foi ele quem me deu o meu primeiro livro de literatura de verdade. (Mônica Paris - SP) (Grifo nosso)

Essa fala da Mônica mostra como a fala e o olhar atento de um professor pode fazer toda diferença na trajetória de vida dos jovens. Mônica se sentiu acolhida e poder acreditar que ela poderia chegar aonde quisesse, foi fundamental para que ela construísse inclusive padrões muito distantes de suas referências familiares. Mônica deseja ser filósofa, professora universitária, deseja fazer mestrado e doutorado na França, estudar Camus. E isso se manifesta também em seus gostos pessoas. Leitura, lançamentos de livros, vernissages, cinema, são alguns dos seus programas favoritos.

Perguntada sobre o livro que ganhou do professor ela diz:

> Os Sofrimentos do Jovem Werther, do Goethe. (...) Não, como o primeiro livro assim, de início para esse mundo. Eu tinha 14 anos e eu lembro que eu li muito rápido, porque eu queria dar resposta para ele, né? E ele sempre muito gentil, muito atencioso. Acho que ter essa figura de professor, de que gostava de dar aula, de que mostrava muito além do que estava no conteúdo didático para a gente, foi especial. Até pela minha formação como pessoa mesmo e de querer fazer parecido. Parecido, porque ele é muito bom. (Mônica Paris – SP)

O reconhecimento de Mônica acerca da importância de ter um professor atento, dedicado e bom, mostra como essa figura, que acompanha todas as pessoas desde a tenra idade, se mostra um potente fator para a construção de aspirações.

Glória Terra – SP também traz, em vários momentos, a importância dos professores na vida dela.

> E, com certeza, me deu professores maravilhosos. Professores muito bons. Alguns do técnico, mas alguns do médio também. Que conversavam muito com a gente. E aí, sim, a gente foi descobrindo que tinha outras formações, né? Outras coisas pra fazer. (Glória Terra – SP)

> Hoje tem alguns professores que eu tenho referência. Eu acho que sempre foram os professores, na verdade. Desde o ensino fundamental, eu lembro de vários professores que me davam esses toques assim, sabe? Tipo, olha, vai fazer isso, como é, né? Contava as coisas boas, as coisas ruins de cada coisa, então... Eu acho que sempre foram professores, assim, né? Hoje tem alguns acadêmicos, mas... Mas sempre foram assim, né? Sempre foram os professores. Os meus pais, por mais que me incentivassem, tem esse problema deles não terem esse conhecimento, né? Tipo, eles não conseguirem me explicar os caminhos e tudo mais, então... Eu acho que sempre foram meus professores. (Glória Terra – SP)

Um ponto importante da fala de Glória é a compreensão de que os professores trouxeram influências que os pais, por falta de conhecimento, não poderiam compartilhar. Mostra também que o professor que marca é aquele que contribui para além das questões acadêmicas, que se preocupa em falar das coisas da vida, que ajuda além daquele momento presente.

A influência dos professores pode ser determinante na escolha da carreira dos estudantes. Alguns estudos apontam que as expectativas e o suporte de figuras educacionais afetam diretamente as decisões dos estudantes em relação ao seu futuro profissional (Eccles e Wigfield, 2002).

É o que se observa na fala de Glória, sobre explicações sobre o universo acadêmico que teve de professores do ensino médio e que foram determinantes para a construção de suas aspirações educacionais.

> Exato. Aí quando eu vi também, assim, isso eram coisas que eu só pesquisava porque os meus professores me ensinavam, né? Tipo, olha, pesquisa, vê onde tem a faculdade, qual é a grade da sua faculdade, porque não é só o nome do curso, né? Você tem que entender o que você vai estudar dentro desse curso. E aí o comércio exterior me jogou para as relações internacionais. Aí quando eu li Relações Internacionais, vi o que eu ia estudar, eu falei, meu, acho que é isso. Acho que é isso que eu quero fazer. E aí foi aí que eu decidi no Ensino Médio que eu ia prestar Relações Internacionais, uma coisa que eu nunca tinha ouvido falar na vida, que até hoje eu tenho que explicar para vocês o que é, com o que eu vou trabalhar fazendo isso. (Glória Terra – SP)

Professores que reconhecem talentos individuais e orientam seus estudantes com base em suas habilidades e interesses contribuem para o fortalecimento de suas aspirações, tornando o processo de tomada de decisão mais assertivo e alinhado às potencialidades de cada indivíduo. Dessa forma, a educação se torna um instrumento poderoso para transformar vidas e construir aspirações que levam futuros promissores, no sentido de atender as expectativas dos estudantes. Ter a possibilidade de ter um professor que orienta para uma carreira, ou para um caminho acadêmico, transforma as vidas. Isso aconteceu com Ivan e com Jorge

> Eu sempre gostei bastante dessas questões de computador, celular e tudo mais. (...) quando eu tava no ensino fundamental, tiveram professores ali queriam, tipo, falando, tenta fazer ETEC, tenta alguma coisa do tipo, né, porque acho que você tem uma área que você gosta, e aí investe nisso, e aí acabou que, tipo, fiz a prova da ETEC, passei, né. E aí foi mais uma motivação, porque tipo, pô, vou fazer aqui, mas se não der certo, tem outros planos, né? Tentar trabalhar, fazer alguma coisa, né? Mas aí, como acabou meio que dando certo as coisas, eu fui seguindo, né? Tipo, quando saiu o resultado do Sisu, também foi a mesma coisa. (Ivan Caetano – SP)

> Eu arrumei o Jovem Aprendiz do Senai, entendeu? Eu comecei, eu tava no terceiro. Terceirão, eu não sabia o que eu queria da minha vida. Aí, o professor falou pra mim, por que você não tenta entrar na UFABC? Faz o ENEM, porque o já vai faz o ENEM de qualquer jeito mesmo, né? Na minha sala, a gente fez o ENEM, mas... Aí eu falei, vamos tentar a UFABC, né, aqui pertinho tudo. Deu certo, deu certo. Entrei logo que acabei, ano passado, 23, né? (Jorge Bernardo – SP)

Estando na Universidade, os jovens também encontram professores que são referência e inspiração na construção de suas aspirações.

> Então, a professora Alessandra, a professora Bruna, Priscila, nossa, várias pessoas assim que são uma dessas pontes, uma dessas pessoas abrem portas, abrem caminhos, fazem eu pensar coisas que nunca pensaria na vida. (Glória Terra – SP)

Mas também há críticas à Universidade, e que podem ser importantes para a compreensão do papel da Universidade na vida dos jovens e os entraves que a burocracia e a falta de uma escuta qualificada das demandas dos estudantes podem trazer. Podemos observar isso na fala de Ivan Caetano – SP, acerca da dinâmica de acessar disciplinas na Universidade em que estuda. Segundo ele, a Universidade permite que o aluno faça mais de um curso ao mesmo tempo. Mas a Universidade cria esta expectativa no aluno, mas não viabiliza que ele de fato se matricule nas disciplinas de maneira direta, uma vez que não tem vagas suficientes na disciplina, o que faz com que a conclusão do curso seja adiada continuamente por não haver possibilidade de cumprir as disciplinas. Além disso, em algumas disciplinas há um alto índice de reprovação, o que para o jovem não parece normal:

> Exatamente. E tem o outro lado também, que às vezes tem matérias que, tipo assim, tem alta demanda e o que segura ali é normalmente o professor. É professor que gosta de reprovar todo mundo e o cara tem prazer em fazer isso. Eu acho que o pessoal que tá fora não vê isso, né? Porque é muito ruim. Não só uma disciplina, algumas disciplinas que 90% da turma reprovou. E eu não acho esse número normal. Isso não é uma coisa normal. (Ivan Caetano – SP)

A fala de Ivan mostra uma circunstância negativa nas ações para a concretização das aspirações educacionais. A expectativa que se cria, a percepção de dificuldades que parecem intransponíveis se mostra como um fator que dificulta, que desanima, que torna mais custoso a vida universitária. As críticas podem ser vistas como a possibilidade de reflexão sobre a estrutura curricular, sobre demandas que devem ser consideradas no momento da contratação de professores, na construção da grade dos cursos. Particularmente com relação à UFABC, pelo fato de vários jovens entrevistados serem alunos desta instituição, sugerimos a construção futura de um artigo que trate

especificamente das questões trazidas pelos estudantes da UFABC, com o propósito de lançar luz sobre questões que apareceram quando das entrevistas com estes jovens.

Apesar dos percalços, a Universidade também é vista como um espaço de crescimento, local em que os jovens ampliam suas relações tanto com novas amizades, quanto com o contato com professores, que em muitos momentos se mostram como referências importantes, inspiração para novos projetos. A Universidade permite aos jovens, vivenciar realidades até então desconhecidas. É o que podemos observar nas falas de Glória e Mônica

> Eu acredito que sim. Eu acho que, principalmente na universidade, a gente constrói uma coisa que é muito difícil de construir em outros lugares, que é pontes e caminhos. Então, a gente vai conhecendo professores, a gente vai conhecendo convidados, a gente vai conhecendo as pessoas que trabalham na universidade, a gente vai tendo contato com os outros estudantes mesmo, e a gente vai descobrindo coisas que a gente não imaginava. Então, a gente vai descobrindo Caminhos e possibilidades mesmo, né? (Glória Terra – SP)

> Eu acho que, por ser interdisciplinar, ter esse contato com os professores todos, e a Alessandra mesmo é sempre muito querida, adoro ela, muito querida, atenciosa. Ela é, né? Eu a conheci nesse quadrimestre e ela é super gentil, me recomendou para orientador. Então, ter esses bons contatos com bons professores e acho que agradecer por ser a Universidade Pública de permitir acessar algumas bolsas mesmo. E aí posso me ajudar a chegar lá, né? Sim. (Mônica Paris – SP)

A Universidade permite ainda a participação em coletivos, importantes sobretudo por trazerem pautas comuns, permitindo um olhar para além do individual.

> Participo do coletivo negro também da universidade. Eu participo do coletivo... Desde que eu entrei, vamos dizer, quando eu entrei eu ia nas festas, assim. A gente tinha rodas de conversa, de bate-papo. Mas o coletivo não é uma coisa meio que... Ele é horizontal, não tem líderes. A gente vai meio que pegando as demandas, as tarefas, cada um faz o que acha legal. Eu tenho papel de mandar vaga e oportunidade de emprego pra todo mundo. Normalmente é o que eu mais faço. Tem até grupo que eu tenho à parte, que é só pra mandar vaga de emprego, oportunidade de compartilhar esse tipo de coisa. (Ivan Caetano – SP)

Essa ação de Ivan para divulgar vagas de estágio e emprego é um diferencial interessante nesta perspectiva do coletivo. Já colocado no mercado, o jovem percebe a importância em compartilhar vagas com a comunidade universitária.

> Exatamente. Isso é bem legal, porque quando eu fiz o grupo, lá quando eu entrei, primeiro foi amigo meu que foi contratado, Aí esse amigo, ele me deu meio que as dicas ali, o que eu precisava fazer, e depois eu fui contratado. Aí eu falei, mano, a gente vai fazer grupo agora com o pessoal quer ser contratado, que são amigos nossos. E aí foi crescendo. E hoje, tipo, o grupo tem 500 pessoas. Tipo, a gente começou com 100. (Ivan Caetano – SP)

A participação em coletivos se mostra como uma rede de apoios, seja na construção de oportunidades de carreira, seja na indispensável rede de apoio para as estudantes mães.

> Na faculdade, eu comecei entrando no coletivo de mães e pais da UFABC, então eu estava lá um dia e tinha uma mãe, né, que estava lá também A gente

> se conheceu e tudo mais e ela me convidou a participar desse coletivo e esse coletivo tem o meu coração. Assim, tipo, eu não consigo ficar longe. Fico triste de pensar que eu tô quase saindo da UFABC Porque eu não quero deixar de estar no coletivo e realmente foi muito importante, assim, pra mim, o coletivo de mães e pais hoje, assim sou uma das pessoas mais ativas e tudo mais. (Glória Terra - SP)

A maternidade para jovens estudantes é uma circunstância que pode ser um dificultador na hora de permanecer e concluir o ensino seja ensino fundamental, seja médio, seja universitário. A experiência de Glória Terra – SP nos permite acessar as principais dificuldades vivenciadas por uma jovem no ensino superior, mas facilitada pelo ensino superior público.

> Eu acho que depois que eu tive o filho, todo mundo achou que eu ia desistir da faculdade, né? Todo mundo achou que eu não ia continuar. E meus pais sempre insistiram que eu continuasse. E eu acho que agora, tipo, já todo mundo fala, tipo, nossa, não vejo a hora de você se formar, que é a mesma coisa que eu penso. Mas, assim, eu acho que agora eu sinto mais apoio, assim, pra realmente continuar estudando. (Glória Terra - SP)

A maternidade também aparece como uma circunstância que limita a construção de novas relações de amizade e de ampliação de horizontes pessoais em função dos compromissos e rotinas diárias.

> Enfim. Primeiro que eu sou muito ocupada. Então isso dificulta muito. Tipo, eu não consigo conversar muito com as pessoas. É muito fácil você me convidar pra sair e eu dizer, porra, não posso. Não tem como. Não consigo ir. E aí isso vai afastando, né? E assim, eu tive uma gravidez na adolescência. O que eu acho que é uma coisa que mexeu muito com... O meu futuro social, assim, né? Porque as minhas amigas foram viver outras coisas completamente diferentes do que eu tava vivendo, né? Vivem até hoje. (Glória Terra – SP)

Sobre a percepção da família no crescimento pessoal e seu apoio, mesmo que nem sempre seja simples por envolver a condição de manutenção da família, também aparecem como circunstâncias importantes, que podem ser fator que muitas vezes se contrapõem com a compreensão dos pais sobre a importância do trabalho e do estudo.

> Minha mãe não entende de computador, mas ela sabe que eu trabalho no computador aqui e que eu faço os negócios no computador. E ela vê a importância disso. Hoje em dia, eu acho que ela consegue enxergar muito mais do que antes. A gente demorou muito tempo pra sair do papel ali, sair do mundo das ideias e começar a virar uma realidade. Mas ela ficava muito feliz quando via que eu fiz ensino médio e técnico (Ivan Caetano - SP)

> E quando eu fiz a prova da ETEC, eu passei na ETEC, ela falava muito que eu precisava trabalhar, né, e tudo mais. Só que, tipo, eu falava, não, vou fazer esse curso aqui, vou conseguir trabalhar depois com isso aqui que eu gosto. E ela falava, não, vai lá então, né, tipo, pô, se é uma coisa que você gosta e tal, vai lá e a gente vai ver o que vai fazer aqui, né. E era bem difícil, né, porque a gente no fim do dia passava muita dificuldade por conta disso, né, pô. Uma boca mais para alimentar ali, e aí... Enfim, distância, barreiras sociais aí, querendo ou não, muito difíceis, né? Querendo ou não, outros problemas também, porque, tipo assim, a gente... Pô, a minha mãe é muito... Muito guerreira, assim, então querendo ou não, tem esse espaço de... (Ivan Caetano)

Essa percepção da importância do estudo e do crescimento educacional também é percebido ainda da educação fundamental, quando esforços são feitos para auxiliar na manutenção e no cuidado com o estudante por parte da família, mesmo que com dificuldades

> Eu levantava muito cedo, pegava trem, ônibus, e eu tinha, sei lá, 13, 14 anos, 11 anos, enfim, quantos fossem. E, velho, eu era muito novo e eu passava por tudo isso, querendo ou não, fazia tudo isso meio que sozinho ali, né? Porque minha mãe ia até certo ponto, mas a minha mãe falava, pô, agora eu preciso cuidar da casa, preciso, enfim, ir lá e tal, então você tem que ir aí, né? E eu confio em você, de você ir e voltar e me avisar, né? Então, se você precisar. Tanto que, tipo assim, a minha mãe, quando eu comecei a estudar longe, a primeira coisa que ela fez foi me dar celularzinho, por mais que seja simples, mas tipo assim, pra eu poder ligar pra ela e ela saber o que eu tô fazendo. (Ivan Caetano - SP)

Essa dificuldade da família em entender o interesse dos jovens em aprimorar a vida profissional por meio do estudo, quando se apresenta junto com a acolhida de professores, que veem o potencial do jovem, acaba por não ser um fator que inviabiliza as aspirações educacionais. Mais uma vez, pode-se perceber que um professor atento e envolvido no crescimento do estudante, pode-se mostrar como a chave necessária para abrir as portas para um universo que a família não conseguiria alcançar.

> foi uns anos da minha vida bem difíceis, assim, não posso dizer que foi fácil. Sei lá, tantas vezes eu até tentei ir em contato com meu pai tempo, mas aí acabou não dando muito certo também. Enfim, acho que foi uma trajetória bem difícil. Ponto-chave pra mim sempre foi as influências que eu tinha, né? Porque querendo ou não, tipo, a minha mãe, além de ser deficiente visual, a minha mãe, ela nunca frequentou a escola, né? Então, tipo, sempre trabalhou na roça, e quando veio pra cá, pra São Paulo, ela trabalhou de faxina e tal, né? Então, era bem difícil, assim, explicar pra ela que no fim do dia eu tava fazendo alguma coisa ali melhor, né? Então, sempre sofri bastante influência de professores, acho que amigos próximos, querendo ou não, que principalmente acho questão da área de tecnologia, né? (Ivan Caetano - SP)

O apoio e o incentivo da família e de relacionamentos afetivos aparecem como um aspecto fundamental para a concretização da aspiração educacional, uma vez que a rede de apoio pode ser um elemento fundamental para que seja viável a concretização de aspirações educacionais para jovens mães.

> Eu morei um tempo com o pai da minha filha, depois a gente separou e eu tive outro relacionamento longo também que foi de 2018 eu comecei a namorar, 2019 a gente foi morar juntos E a gente morou juntos até o fim de 2022 Até o fim de 2022, então quase 5 anos E foi muito importante pra minha trajetória na UFABC esse relacionamento, eu acho, porque era uma pessoa que, tipo, ele era a minha rede de apoio, assim com a minha filha, então ele, tipo se desdobrou assim pra poder seguir a vida, trabalhar e tudo mais e cuidar dela pra que eu pudesse estudar e trabalhar. Então, acho que, pra mim, foi importante. E também foi importante o resto da trajetória dele, porque ele também tinha terminado o ensino médio e não tinha planejado fazer mais nada, assim. (Glória Terra – SP)

> Hoje eu moro com duas amigas da universidade, duas amigas da UFABC, e elas são minha principal rede de apoio. Elas ficam com a minha filha,

> trabalham aqui o dia inteiro na obra, então elas ficam com a minha filha, levam ela na escola, buscam e não sei o quê. E querendo ou não, meus pais ainda são minha rede de apoio, né? Eu não moro mais tão perto deles. Eu me mudei recentemente, inclusive, pra poder ficar mais perto da UFABC, pra eu poder terminar o curso, porque eu tava morando num lugar onde tava bem difícil de voltar e perigoso à noite e tudo mais. Então, eu me mudei. Agora eu fico pouco mais longe dos meus pais. Mas, assim, não dá 20 minutos, assim, de trajeto, né? É... De ônibus, né? Andando na praia de ônibus. (Glória Terra – SP)

As amizades desempenham um papel crucial na construção das aspirações educacionais, influenciando diretamente a motivação, a confiança e o desempenho acadêmico dos estudantes. O aprendizado ocorre em grande parte por meio da interação social, e os amigos podem atuar como mediadores desse processo, trocando conhecimentos e estimulando o engajamento com os estudos (Vygotsky, 2007). O apoio mútuo entre colegas de sala, grupos de estudo e redes de amizade fortalece o comprometimento com a educação, criando um ambiente mais favorável ao aprendizado e à superação de desafios acadêmicos.

Ademais, a influência dos amigos pode ser determinante na definição de objetivos educacionais e profissionais. O desenvolvimento humano é moldado por interações sociais, e as amizades podem ampliar horizontes ao expor os estudantes a diferentes perspectivas, experiências e oportunidades (Bronfenbrenner, 1996). Amigos que valorizam a educação tendem a incentivar uns aos outros a persistirem nos estudos, a buscarem novas oportunidades acadêmicas e a desenvolverem habilidades essenciais para o sucesso no futuro. Assim, a presença de uma rede de apoio positiva pode ser um fator decisivo na formação das aspirações educacionais.

A Universidade também é vista como um espaço de valorização do crescimento pessoal. A fala de Glória Terra é bem potente nesse sentido

> Que, na verdade, eu tenho vários e vários caminhos, então... Eu acho que a universidade é muito importante nesse sentido, de construir caminhos, ver o que você gosta, o que você não gosta, as experiências que as pessoas têm. Então, eu acho que é grande abre-portas nesse sentido, de imaginário mesmo. Talvez pessoas que têm mais renda talvez até tenham essa possibilidade antes em outros lugares dessas experiências, mas principalmente pra gente que vem de lugares periféricos, de baixa renda e tudo mais, a gente tem uma visão muito quadrada do que podem ser as nossas possibilidades de futuro, de carreira e tudo mais. Então, a gente vai descobrindo outros caminhos mesmo, outras coisas pra fazer. (Glória Terra – SP)

As amizades auxiliam na construção da autoestima e no enfrentamento de dificuldades acadêmicas e emocionais, promovendo um maior bem-estar e equilíbrio durante a jornada escolar.

> E eu acho que os meus amigos entravam muito nesse papel, tipo, de conversar sobre coisas que eu não conversava normalmente com outras pessoas, e eu tive bastante amigos, assim, de momento de vidaque a gente... Ou eu saía de manhã, encontrava pessoa, a gente, mano, fazia tudo junto, e, velho, planejava coisas juntos, E até hoje eu faço isso com meus amigos, mas quando eu tava no ensino fundamental já era assim. Eu tinha amigo que eu saía da escola e a gente ia jogar. E aí depois a gente ficava jogando videogame lá. Mano, a gente vai andar de bicicleta. A gente vai jogar bola a tal horário em tal lugar. (Ivan Caetano – SP)

> E eu fazia muito isso, tipo, pô, já que eu sei que eu não posso voltar pra casa agora, minha mãe não tá em casa, ou enfim, o que for, ou sei lá, minha mãe até tá em casa, mas eu, mano, não quero voltar agora, vou fazer outra coisa. E eu tinha pessoas que me acolheram muito nisso. Desde pequeno, eu sempre meio que tive melhor amigo, assim, né? Só que eu tinha melhores amigos, no caso. Não melhor amigo, mas vários. E isso acontece até hoje, né? Hoje, mais maduro, eu tenho pessoas que, tipo, são pessoas que estão num momento de vida muito próximo do meu ali, querendo ou não, compartilham de muitos sentimentos que eu entendo ali, sobre trabalho, sobre dificuldade na faculdade, e que eu consigo ter esse espaço de acolhimento ali, né? E também, querendo ou não, muitas vezes, a terapia também, né? (Ivan Caetano – SP)

Tedesco (2002), já verificou que o sentimento de pertencimento e o suporte emocional oferecido pelos amigos contribuem para que os estudantes se sintam mais seguros e motivados a persistir nos estudos, mesmo diante de adversidades. Dessa forma, cultivar amizades saudáveis e construtivas dentro do ambiente escolar não apenas fortalece o desempenho acadêmico, mas também estimula a construção de sonhos e aspirações educacionais mais sólidas e realistas.

Uma circunstância que traz consequências para a construção das aspirações educacionais é a existência de deficiências, atipias ou características neuro-divergentes. A compreensão das deficiências nos espaços educacionais é fundamental para garantir o acesso e a permanência dos estudantes atípicos nas instituições de ensino. O olhar atento e cuidadoso, verificando as especificidades de cada aluno atípico, permite e garante que ele consiga superar seus próprios desafios, para além dos desafios existentes na educação.

> Quando eu era mais novo, eu tinha muitos mais traços do que eu tenho hoje. Mas assim, eu já tenho algumas coisas. Por exemplo, eu não tenho filtro das vezes no que eu falo. Por exemplo, eu vou conversar com alguém e eu falo coisas que eu não devia. Então isso é uma coisa que eu tô trabalhando pra melhorar, no ponto de melhorar meu, sem pensar antes de falar. Tenho muito cuidado com rotinas também, mas assim, isso eu era mais novo. Agora eu tô pouco mais liberado. Depois que eu fiquei na faculdade, eu melhorei nisso também. Mas assim, eu levo as coisas muito a pé da letra às vezes. Eu tenho seletividade alimentar também, eu só como arroz, feijão e a mistura. Eu não consigo comer verdura, não consigo comer mais nada. E as besteiras, né? Também. Mistura alimentar... (Jorge Bernardo)

Muitas vezes garantir tempos diferentes e prioridades para esses estudantes é importante para que eles possam mostrar suas potencialidades e desenvolver suas aspirações educacionais.

> (...) quando eu vou fazer prova, eu fico muito nervoso. Eu começo a tremer a mão, começo a fazer barulho com a boca. Eu não consigo me controlar quando eu vou fazer prova. Eu fico muito nervoso. Então eu peço tempo adicional. Quando eu fiz o Enem, eu pedi tempo adicional. Aí eu preciso de uma hora a mais pra fazer a prova, entendeu? Só que assim, se a prova contava com o time, geralmente as provas da FDC, são 3, 4 questões. Eu consigo tudo no tempo normal. Mas, por exemplo, se é uma prova longa de Enem, que é 90 questões, eu falei, não, não tem como. E eu terminei a prova, te faltam cinco minutos para terminar o tempo, para adicioná-lo. Eu comecei pela meia-da-tarde, terminei oito horas da noite. (Jorge Bernardo) – grifo nosso

> mais ou menos, porque tipo assim, eu posso pegar, mas como eu sou autista, tenho prioridade nas matérias, então é só começar a pegar a matéria do Planejamento Territorial, entendeu? Só que assim, tem que mudar o curso, não é tão fácil assim, (Jorge Bernardo) – grifo nosso

Uma circunstância que destaca a realidade de racismo estrutural vivida na sociedade brasileira, foi mencionada por Ivan Caetano.

> Alguém falava alguma coisa comigo na escola, aí eu ia lá e... Tô nem aí, véio. A minha mãe não me ensinou a abaixar a cabeça pra ninguém, então... Porra, eu vou brigar e é isso aí. Aí o pessoal chegava na escola e falava, porra, seu filho tá fazendo isso, aquilo... Tá. Mas o que essa pessoa fez com o meu filho? Porque, porra, ele não é... Ele não é santo, mas ele também não é o diabo. Eu sei quem eu cuido dentro de casa, né? Eu acho que muitas vezes, tipo... E as pessoas que nos rodeavam assim, viam que existia essa dificuldade, sabe? Tipo... Quando eu estava no ensino fundamental, eu tinha bastante problemas com racismo. Eu estudava numa escola em que o pessoal tinha muito mais condições de vida que eu. E eu sofria bastante com questões básicas. (Ivan Caetano - SP)

Ivan não foi desestimulado a estar na escola em razão do racismo vivenciado, mas essa não é a realidade para todos. Segundo dados da UNICEF, indicadores globais mostram que negros, quilombolas e indígenas são os grupos mais vulneráveis e historivamente excluídos da educação básica. (UNICEF, 2012). Esses desafios não acontecem somente no ensino fundamental, mas pode acompanhar o indivíduo em toda sua vida acadêmica, como narrado por Grada Kilomba (2019), em Memórias da Plantação, na "Carta da Autora à Edição Brasileira". (Kilombra, 2019, p. 11).

Para Ivan, o racismo vivenciado e vencido na escola, pode ser um fato que o tenha levado a se envolver em coletivos negros na Universidade e no Banco em que trabalha, ganhando inclusive um protagonismo na causa.

> Não, aí tem o coletivo negro também da universidade. Eu participo do coletivo... Desde que eu entrei, vamos dizer, quando eu entrei eu ia nas festas, assim. A gente tinha rodas de conversa, de bate-papo. Mas o coletivo não é uma coisa meio que... Ele é horizontal, não tem líderes. A gente vai meio que pegando as demandas, as tarefas, cada faz o que acha legal. Eu tenho papel de mandar vaga e oportunidade de emprego pra todo mundo. Normalmente é o que eu mais faço. Tem até grupo que eu tenho à parte, que é só pra mandar vaga de emprego, oportunidade de compartilhar esse tipo de coisa. (Ivan Caetano - SP)

> E eu fui numa apresentação no começo desse ano, que mostravam dados de quantas pessoas negras entraram no banco, quantas pessoas permaneceram e quantos tiveram crescimento de carreira. E eu vejo que eu sou uma dessas pessoas, entendeu? O pessoal trouxe os dados lá, tipo assim, antes de 2018 era tipo 10%, 5%, aí hoje em dia tá chegando em 30%. Aí eles mostraram, tipo, o nosso programa de estágio, a gente conseguiu contratar tantas pessoas, assim, tantos jovens, tipo, de periferia e tal, e a gente conseguiu fazer com que eles permanecessem. Inclusive, eu fiz parte do programa de mentoria do banco, aí acabou agora, e eu fui convidado para ser uma das pessoas que vai participar ali, de mostrar como foi o programa de mentoria, de falar como foi ali. (Ivan Caetano - SP)

Uma circunstância que aparece nas falas de dois jovens, um, em situação de acolhimento institucional, e o outro, em situação de cumprimento de medidas socioeducativas, que podem dificultar a construção de aspirações educacionais, é o envolvimento direta ou indiretamente com o cometimento de ato infracional. É o caso de Eunice Gaias - SP. Eunice começou a namorar um rapaz que estava envolvido com tráfico de drogas.

> Era num apartamento. Aí quando os policiais invadiram, aí eles perguntaram pra mim, cadê, cadê, cadê o quê? Cadê o Léo? Onde ele deixava as coisas. Que coisa! Aí ele saiu e o outro quarto tava trancado, ele saiu, ele deu uma bicuda e abriu o quarto. Aí tava lá repleto de droga, repleto. Muita droga, muita. Muita, que eu não sabia nem...o que era. (Eunice Gaias - SP)

Em decorrência do acontecido e de má orientação de um advogado, Eunice ficou um ano sem ir para a escola.

> Que isso não é uma boa ideia. E ficou me enrolando. Ficou ano me enrolando. E eu fiquei um ano foragida.. Um ano sem ir para a escola. Um ano sem fazer várias coisas. Sem poder trabalhar. Sem sair para a rua. Porque eu tinha medo. (Eunice Gaias - SP)

Atualmente Eunice pretende fazer supletivo e curso técnico de mecânica de aeronaves para melhorar suas oportunidades de trabalho no aeroporto. As dificuldades enfrentadas por Eunice a levaram a começar a ganhar dinheiro na internet com jogos virtuais. Quando começou a jogar e a ganhar dinheiro, disse ter se viciado. Juntou dinheiro para pagar o advogado, para que ele entrasse no processo para a defender:

> Aí eu falei, aí eu não pensei se eu podia ou não podia. Eu falei, tá bom, você pode entrar. Aí nessa que eu falei pode entrar, começou esse negócio de jogo da internet, tigrinho. Eu fui e falei numa certa hora que eu tava em Minas, eu tava foragida em Minas, eu tava foragida. Aí quatro horas da manhã eu cismei de jogar esse negócio, aí eu coloquei vinte reais. Aí nessa que eu coloquei vinte reais, aí eu fiz quinhentos. Aí eu me viciei, aí toda vez que eu fazia quinhentos, aí eu conseguia fazer quinhentos mil e tudo que eu conseguia eu mandava pra ele. Aí mês eu quitei ele todinho. (Eunice Gaias - SP)

A intenção de fazer Educação de Jovens e Adultos (EJA) também aparece na fala de Pedro e Claudio. Para Pedro, a decisão de fazer a EJA parece mais com uma resposta ao desconforto frente a cobranças de concluir os ensinos. Talvez uma percepção de que precisa concluir. Diz estar "correndo atrás" quando perguntado sobre a escola, sente falta de aprender. Quando perguntado acerca das dificuldades de ler e escrever, ele diz também que está "correndo atrás". Disse que tem vaga em uma escola longe da casa dele e que não daria certo. Mas que a escola próxima à sua casa é de onde foi expulso "É, tô vendo minha vaga ali, mas a vaga que eu tô vendo é piquinho, vou fazer... A escola que eu quero estudar e não estou tendo vaga agora. O único lugar que eu tenho vaga é muito longe da escola" (Pedro - SP).

Na fala de Claudio, percebe-se um total desconhecimento sobre o ensino, e também de oportunidades como o SENAI, que poderia ser um caminho para um curso técnico, que poderia garantir a ele uma carreira de eletricista, por exemplo, função que ele disse já ter trabalhado antes. Não teve, este jovem, a oportunidade de entender que o estudo técnico poderia ser um caminho possível para uma profissão.

> Pesquisadora - E aí assim, tipo, agora você vai fazer o sétimo e tal, você vai terminar, vai estudar, vai fazer as coisas tudo certinho. Aí você pretende fazer o que, depois de terminar a escola?
>
> Claudio - Faculdade.
>
> Pesquisadora - Você quer fazer faculdade de quê? Claudio - Eletricista.
>
> Pesquisadora - Eletricista?
>
> Claudio - É que eu já sou, eu já trabalhei de eletricista na comunidade.
>
> Pesquisadora - Aí você quer fazer faculdade de engenharia elétrica, que a gente fala. Bom, você tá ligado que tem uns cursos, né? De elétrica e tal. Senai e tudo mais. Você já foi ver alguma coisa disso aí? Claudio - Não.

Perguntado pela pesquisadora como se vê daqui a alguns anos, Cláudio colocou como um dos desejos, a educação.

> Claudio - Eu vejo diferente, tá com a minha família unida, tá bem formado na escola, no curso, feito a faculdade, ter meus irmãos do meu lado, e se na minha vida lá pra frente tá com condições melhores, tendo futuro pela frente, meu carro, minha família, meu filho, minha mulher, meu filho. E seguindo é a minha vida. Trabalhando, fazendo meu estudo primeiro. Primeiro lugar é o estudo, né? Mas depois eu penso nisso aí. Depois do trabalho, né?

Perguntado como pretende conseguir isso, Claudio responde: "Trabalhando, fazendo meu estudo primeiro. Primeiro lugar é o estudo, né? Mas depois eu penso nisso aí. Depois do trabalho, né? (...) Trabalho hoje em dia... Pra trabalhar tem que ter, pelo menos, o terceiro grau, O primeiro grau, né?" (Claudio - SP)

> Pesquisadora - E aí você tá na escola?
>
> Claudio - Não.
>
> Pesquisadora - E por que você não está na escola?
>
> Claudio - É porque eu faltava bastante lá onde eu morava. Eu falava pra minha mãe que eu ia pra escola e aí eu cabulava aula…Pesquisadora - E você ia fazer o quê?
>
> Claudio - Eu ia pegar umas coisas de cigarro, uma maconha lá.
>
> Pesquisadora - Com seus amigos?
>
> Claudio - Sim, má influência... Aí a gente chegava lá, a gente já dormia em casa, e a minha mãe falava e eu dizia que eu fui pra escola. Aí eu não sabia. Aí dava assunto, aí dava uma comparação, aí chegava e no outro dia também cabulava.

Os relacionamentos, os espaços de convivência, as oportunidades, as origens e condições familiares, as relações com professores ou outras pessoas de influência ou inspiração, são circunstâncias que podem ampliar ou restringir aspirações. O que se percebe, nas falas de Pedro e Claudio, é uma restrição nos seus espaços de existência, uma falta de oportunidade de conhecer possíveis caminhos, a falta de relações que os promova, que os encorajem, que apresente a eles, caminhos além do circunscrito por seu limitado espaço de existência social.

Eles possuem um universo de possibilidades de existência muito restrito, dificultando a projeção sobre o que ser ou sobre o que ter. A fala de Pedro em vários momentos traz uma percepção de vida restrita a uma escola que não o atraia, que era melhor brincar do que estudar. O trabalho aparece não como uma aspiração, mas como uma convenção, como uma necessidade de sobreviver, mas não aparece como algo além de "biquinhos". O trabalho desvinculado de uma ideia de profissão. Isso tudo, dentro de uma rotina circunscrita ao cuidado com a casa e encontro com amigos para jogar dominó e conversar sobre as "coisas da vida", mas sem conversas sobre o futuro e aspirações. Observa-se uma restrição de repertório, de espaços de ser e de socializar, o que aparece como uma circunstância que limita as possibilidades de aspirações.

Neste espaço restrito de existência, as profissões almejadas são aquelas que seus amigos ocupam, muitas vezes sem uma exigência de estudo para alcançar. Mas, mesmo para estas profissões, como Motoboy, exige-se uma instrução formal que permita frequentar as aulas para realizar o exame teórico para tirar a habilitação. Exige saber ler e escrever de maneira capaz a habilitar o jovem para a aprovação. À barreira educacional verificada na vida de Pedro, em razão da evasão precoce da educação formal, junta-se uma espécie de "naturalização do crime", ou uma falta de percepção de que determinadas condutas infringem a lei . O jovem diz que não vai mais "fazer coisa errada", mas quando diz que quer tirar habilitação para trabalhar de motoboy, esse é o diálogo:

> Pesquisadora - Que trabalho você consegue pensar que te permitiria ter dinheiro pra ter o que você quer?
>
> Pedro - Motoboy.
>
> Pesquisadora - Motoboy? É trabalho que você pensa assim?
>
> Pedro - É motoboy, mano. A gente inspira, tem vários parceiros motoboy, né? A maioria dos parceiros que a gente tem é todo motoboy, né? É, a maioria é todo motoboy, mano.
>
> Pesquisadora - Mas você sabe dirigir moto.
>
> Pedro - Moto, sim.
>
> Pesquisadora - É? E você tem vontade de tirar carteira?
>
> Pedro - Se Deus quiser, vou tirar uma habilitação.
>
> Pesquisadora - É, quanto custa uma habilitação hoje, você sabe?
>
> Pedro - Mano, se você tirar aí, as duas aí, moto e carro, acho que é mil e pouca. Se você não quiser tirar a habilitação e pagar mil e pouco, você compra a habilitação. (...) Eu vou comprar a habilitação, não vou tirar não.
>
> Pesquisadora - Uai Pedro, você tá querendo sair dessa errada. Vai dar umas erradas aí?
>
> Pedro - Se eu reprovar vai ser dinheiro jogado fora. É, vai ser dinheiro jogado fora.
>
> Pesquisadora - E se você for pego com habilitação falsa? É pior, não é?
>
> Pedro - É pior. Mas se reprovar o dinheiro vai embora, né mano? Tem que pagar a quebra, tem que pagar outros custos. Agora é essa. Primeiro vou tentar tirar, mas se eu reprovar vou ter que comprar a habilitação.

Por outro lado, alguns jovens têm uma estrutura de vida/família, que permite ampliar as aspirações. Gustavo Gonzalez teve a oportunidade de, desde muito jovem, ver a mãe se dedicar e construir com sucesso um escritório de contabilidade. Desde jovem acompanhou a mãe no trabalho e percebe uma afinidade e, sobretudo, respeito pelo trabalho da mãe.

> Sim, esse escritório era da minha mãe, né? Então, minha mãe ainda participa do escritório, ela faz a parte da parte comercial do escritório, ela ainda participa. E quem abriu esse escritório foi minha mãe, lá em 2013, depois que separou de uma sócia que ela tinha, uma outra contabilidade que ela tinha também. Então ela abriu em 2013 e eu entrei lá em 2016. Isso, 2016. Eu entrei lá com 13 anos e comecei a trabalhar. Mas aí o escritório é familiar, sim. Sempre foi da minha mãe, nunca teve sócios nem nada, sempre foi dela. Então, é escritório que eu entrei para poder continuar com o negócio da família, dar sequência ao negócio da família

É interessante observar que mesmo tendo começado como uma expectativa a partir da mãe, Gustavo começa a construir suas próprias aspirações educacionais e de trabalho a partir daí. Está finalizando o Curso de Contabilidade e pretende já começar com o Curso de Direito em 2025.

> Não, agora já se tornou um projeto real, negócio que... No início era projeto dela que eu começava, mas assim que eu entrei na gestão do escritório, assim que eu comecei a gestão do escritório lá em 2020, assim que eu retornei do México, aí eu já reparei que aí seria tranquilamente sonho meu, porque aí eu comecei a ter responsabilidade de gerir o escritório, então aí já comecei a ter mais interesse. Porque até antes do intercâmbio eu era assistente dos analistas. Eu fui pulando departamento por departamento e sendo assistente de cada analista para aprender um pouco das áreas. Então, meio que ainda era projeto dela que eu trabalhava para seguir o projeto dela. E depois que eu entrei na gestão eu falei, pô, é legal e vale a pena eu continuar.

A aspiração educacional que nasce da continuidade do negócio da família já se ampliou para o interesse em cursar Direito, acrescentando, com isso, outras habilidades ao seu trabalho. Essa possibilidade vista e acolhida por Gustavo, é um exemplo de como oportunidades e apoio podem ser potencializadoras das aspirações.

> Existem outros ramos da contabilidade que eu não conhecia, que eu só conhecia a contabilidade privada, só das empresas. Eu não conhecia outros ramos de contabilidade que a faculdade me ensinou, mas foi uma situação que depois que eu comecei a faculdade eu falei, a contabilidade tem bem mais ramos e é bem mais abrangente. Aí eu falei, pô, já é uma área legal. Aí eu comecei a gostar mais da parte tributária, da parte fiscal, onde eu fiquei mais tempo como assistente. Comecei a gostar bastante dessa área. E por isso eu escolhi o direito tributário depois. Eu gostei dessa área tributária e fiscal. Então acho que o direito tributário vai fazer todo sentido para o meu trabalho já que o direito tributário vai recuperar os créditos que eu estou apurando. Então meio que o meu trabalho vai ser completo. Por isso que eu escolhi o Direito Tributário, porque eu gostei mais dessa área. Foi onde eu trabalhei mais tempo. (Gustavo Gonzalez – SP)

As circunstâncias vividas pelos jovens, sejam positivas ou negativas, desempenham um papel fundamental na formação de suas aspirações educacionais e pessoais. Percebeu-se que os professores são figuras centrais nesse processo,

influenciando diretamente a construção de sonhos e projetos de vida, tanto por meio do conteúdo acadêmico quanto por meio do apoio emocional, incentivo e reconhecimento de talentos. Exemplos como os de Mônica, Glória, Ivan e Jorge evidenciam como a presença de educadores atentos pode ampliar horizontes que, muitas vezes, não são possíveis de serem percebidos ou apoiados no ambiente familiar. Por outro lado, desafios como a falta de escuta qualificada nas universidades e a burocracia também podem restringir essas aspirações, gerando frustrações.

Além dos professores, outras redes de apoio, como as amizades e os coletivos universitários, aparecem como elementos importantes na manutenção do desejo de estudar e crescer. A maternidade, as deficiências, o racismo e o envolvimento com atos infracionais aparecem como circunstâncias que podem dificultar a permanência na escola ou na universidade, exigindo uma rede de apoio sensível e acolhedora. Mesmo diante de obstáculos, histórias como a de Glória, Ivan e Eunice mostram que o apoio de professores, coletivos e instituições pode ser decisivo para manter os jovens motivados e comprometidos com seu futuro educacional e profissional.

A realidade de jovens como Pedro e Cláudio evidencia como a ausência de oportunidades, referências e incentivo pode restringir significativamente o universo de possibilidades. Em contraponto, experiências como a de Gustavo mostram como uma estrutura familiar sólida e inspiradora pode ampliar perspectivas e favorecer o surgimento de aspirações mais complexas e ambiciosas. Assim, fica claro que as aspirações dos jovens são moldadas por um conjunto de circunstâncias interligadas — família, escola, professores, amigos e oportunidades — que podem tanto limitar quanto impulsionar seus sonhos e projetos de vida, abrindo ou limitando as "janelas de aspirações" dos jovens.

4 Paulo Freire e a construção das aspirações educacionais

À luz da obra de Paulo Freire, a análise das trajetórias dos jovens da região metropolitana de São Paulo permite compreender as aspirações educacionais não como projeções individuais isoladas, mas como construções históricas, sociais e profundamente vinculadas às condições concretas de existência. Para Freire, os sujeitos se constituem na e pela relação com o mundo, e é a partir da leitura crítica dessa realidade que se tornam capazes de projetar o "inédito viável" — isto é, de imaginar e construir futuros possíveis para além dos limites impostos pela opressão (Freire, 1987).

As circunstâncias que ampliam o universo de vida pessoal dos jovens, evidenciadas nas falas analisadas, operam como experiências de humanização, na medida em que permitem aos sujeitos reconhecerem a si mesmos como capazes de aprender, escolher e transformar sua realidade. Nesse sentido, a presença de professores comprometidos, que dialogam, acolhem e reconhecem saberes e potencialidades dos estudantes, assume centralidade. Em consonância com a pedagogia freireana, esses educadores não apenas transmitem conteúdos, mas atuam como mediadores de consciência, favorecendo processos de conscientização que ampliam o horizonte de expectativas e legitimam a educação como prática de liberdade.

A universidade pública, quando se organiza como espaço de diálogo, convivência e produção coletiva de saberes, também se apresenta como território fértil para a ampliação das aspirações. O acesso a novos repertórios culturais, acadêmicos e políticos — por meio do contato com professores, coletivos estudantis, bolsas e redes de apoio —

possibilita aos jovens uma leitura mais complexa de sua posição no mundo e das alternativas de transformação de suas trajetórias. Nessa perspectiva, a universidade pode cumprir um papel freireano fundamental ao romper com a lógica bancária da educação e favorecer processos formativos que ampliem a autonomia, o pertencimento e o engajamento crítico (Freire, 1967).

Por outro lado, as circunstâncias que restringem as aspirações educacionais — como a pobreza, o racismo estrutural, a evasão escolar, a maternidade precoce sem suporte institucional, a ausência de políticas inclusivas para estudantes com deficiências ou neurodivergências e o desconhecimento sobre percursos formativos possíveis — configuram situações de desumanização. Conforme aponta Freire, essas condições produzem o que ele denomina "situações-limite", nas quais os sujeitos passam a perceber o mundo como algo dado, imutável, reduzindo sua capacidade de sonhar e de projetar o futuro. Nesses contextos, a educação tende a ser vivida como obrigação ou fracasso, e não como prática transformadora.

A pesquisa evidencia que, quando o universo de experiências é excessivamente restrito, as aspirações também se tornam limitadas, orientadas pela sobrevivência imediata e por trajetórias naturalizadas no espaço social próximo. A ausência de diálogo, de referências positivas e de mediações institucionais impede que os jovens reconheçam outras possibilidades de ser, saber e trabalhar, reforçando ciclos de exclusão. Trata-se, portanto, não de uma "falta de ambição" individual, mas de uma negação histórica do direito de sonhar, aspecto que Freire identifica como uma das formas mais profundas de opressão (Freire, 1987).

Considerações finais

A análise das narrativas dos jovens da região metropolitana de São Paulo evidencia que as aspirações educacionais são construídas de forma profundamente relacional e situada, sendo diretamente influenciadas pelas circunstâncias que ampliam ou restringem o universo de vida pessoal. Essas circunstâncias operam como verdadeiros instrumentos – ou obstáculos – na constituição das janelas de aspiração, nos termos de Ray (2006), delimitando aquilo que os jovens conseguem imaginar como possível para seus futuros educacionais e profissionais.

Entre os fatores que ampliam esse universo, destaca-se de forma recorrente o papel dos professores como mediadores fundamentais entre o jovem e possibilidades que extrapolam seu contexto familiar e social imediato. Professores atentos, que reconhecem potencialidades, oferecem orientação concreta sobre trajetórias acadêmicas e demonstram interesse genuíno pela vida dos estudantes, aparecem como figuras-chave na ampliação de repertórios, na construção da autoconfiança e na legitimação de projetos educacionais ambiciosos. Para jovens cujas famílias não dispõem de capital escolar ou conhecimento sobre o sistema educacional, essa mediação se mostra ainda mais decisiva.

A universidade pública surge, nas falas analisadas, simultaneamente como espaço de ampliação de horizontes e como espaço de tensões. De um lado, ela possibilita o acesso a redes de sociabilidade, coletivos estudantis, bolsas, professores inspiradores e experiências que expandem o imaginário sobre carreiras e modos de vida – especialmente para jovens de origem popular e periférica. De outro, entraves institucionais, burocráticos e pedagógicos, como dificuldades de matrícula, falta de vagas, reprovações em massa e

ausência de escuta qualificada, podem restringir a concretização das aspirações, produzindo frustração e desgaste emocional.

As redes de apoio – familiares, afetivas e de amizade – aparecem como outro elemento central. O incentivo da família, mesmo quando atravessado por dificuldades econômicas e incompreensões sobre o valor do estudo frente à necessidade imediata de trabalho, contribui para a permanência escolar. Para jovens mães, em particular, a existência de redes de cuidado é condição indispensável para a continuidade da trajetória educacional. Da mesma forma, as amizades e a participação em coletivos funcionam como espaços de pertencimento, suporte emocional e circulação de informações, ampliando possibilidades de inserção acadêmica e profissional.

Por outro lado, a pesquisa evidencia circunstâncias que restringem severamente o universo de vida pessoal e, consequentemente, as aspirações educacionais. A evasão escolar precoce, o desconhecimento sobre percursos formativos possíveis, a naturalização de trajetórias marcadas pela informalidade ou pela ilegalidade, o racismo estrutural, as deficiências e neurodivergências sem o devido suporte institucional, bem como experiências de acolhimento institucional ou envolvimento com o sistema socioeducativo, limitam o repertório de escolhas e estreitam as janelas de aspiração. Nesses casos, o futuro tende a ser pensado de forma imediata e instrumental, orientado pela sobrevivência, e não como projeto estruturado de vida.

Os achados reforçam, portanto, que o reconhecimento constitucional da educação como direito social, embora fundamental, é insuficiente para garantir que ela se traduza, na prática, em um instrumento efetivo de ampliação das aspirações juvenis. A igualdade de acesso e a garantia de padrões de qualidade, previstas na Constituição Federal e na LDB, permanecem como desafios concretos, especialmente para jovens em contextos de maior vulnerabilidade socioeconômica.

Conclui-se que a construção de aspirações educacionais depende menos de disposições individuais isoladas e mais da articulação entre políticas públicas eficazes, instituições educacionais acolhedoras e redes de apoio capazes de ampliar o universo de experiências dos jovens. Investir em uma educação pública de qualidade, atenta às desigualdades e às trajetórias diversas, significa ampliar janelas de aspiração e possibilitar que a educação cumpra seu papel de instrumento de mobilidade social, cidadania e transformação das condições de existência.

Agradecimentos: A autora Verônica Maria Teresi agradece o apoio concedido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), durante o desenvolvimento deste estudo Código de Financiamento 001.

Referências

APPADURAI, Arjun. 2004. “The capacity to aspire. Culture and the terms of Recognition”. In: Rao, Vijayendra; Waltonp, Michael. Culture and Public Action. 59-84. California: Stanford University Press. 2004.

BARDIN, Lawrence. “Análise de conteúdo”. São Paulo: Edições 70, 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio e Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. Educação como prática de liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

LA FERRARA, Eliana. "Presidential Address: Aspirations, Social Norms, and Development", Journal of the European Economic Association, 2019, Volume 17, Issue 6, December, pp. 1687–1722.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. E. D. A. "A Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas". São Paulo: EPU, 1986.

MENANDRO, Paulo Rogério Meira. "A Curva Perigosa da Compreensão: Temas em metodologia. In Souza, Lídio de; Freitas, Maria de Fátima Quintal; Rodrigues, Maria Margarida P. (Orgs.) "Psicologia: Reflexões (im)pertinentes". São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 397-417, 1998.

MINAYO, Maria Cristina S. "O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1999.

MINAYO, Maria Cristina S. (Org.) et. al. "Pesquisa Social – Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002.

RAY, Debraj. 2006. "Aspirations, poverty, and economic change". In: Banerjee, Abhijit Vinayak; Bénabou, Roland; Mookherjee, Dilip. *Understanding Poverty,* 2006, pp. 409–421.

RINALDI, Débora; Bangolin, Izete Pengo. 2025. Aspirações: origem e evolução de um conceito interdisciplinar. (no prelo).

TRIVINÕS, Augusto N. S. "Introdução à pesquisa em ciências sociais – pesquisa qualitativa em educação". São Paulo: Atlas, 1987.

Informação bibliográfica deste texto, conforme a NBR 6023:2018 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT):

TERESI, Verônica Maria; FRINHANI, Fernanda de Magalhães Dias; FAVA, Ana Claudia Polato e. Circunstâncias que ampliam ou restringem universo de vida pessoal como instrumentos para a construção de aspiração educacional dos jovens da região metropolitana de São Paulo. **UNISANTA Law and Social Science.** Vol. 15, N. 1 (jan./jun. 2026), pp. 68-91. ISSN: 2317-1308. DOI: https://doi.org/10.66221/v15n1p68

Submetido em 13/05/2026
Aprovado em 25/06/2026

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt-br